GT: Educação Estética, Currículo e Ensino.

O PAPEL DA ARTE NA EDUCAÇÃO E NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Joana Andréia da Silva[1]
Ana Cristina de Moraes[2]
Maria da Conceição Pinheiro Gadelha Coelho[3]

RESUMO: O trabalho tem como propósito discutir o papel da arte dentro e fora da escola enfocando a realidade e as contradições no sistema capitalista. A metodologia utilizada para a realização desse estudo foi a pesquisa bibliográfica fundamentada no materialismo histórico-dialético. Abordou-se na pesquisa os seguintes teóricos: Marx (2004), Sacomani (2016), Salomé (2023), Santos (2020), Peixoto (2003). No sistema capitalista a arte parece ter seu papel reduzido a uma perspectiva instrumental e mercadológica; na contramão, a arte precisa ser percebida como um campo de saber primordial do ser humano e uma forma de expressão e comunicação entre os homens. A educação deve tomar a arte como um modo de apropriação da realidade para interpretá-la e transformá-la, desempenhando assim um papel de estímulo à criação.
PALAVRAS-CHAVE: Arte. Educação. Sociedade Capitalista.

INTRODUÇÃO

A arte como caminho que leva a humanização é fundamental nos sistemas educacionais. Na sociedade contemporânea onde reina o capital tudo que não dá lucro, que não seja mercadoria é supérfluo. Nesse sentido, a sociedade capitalista tem-se utilizado da arte para fins de mercado, descaracterizando-a como necessidade estética. Será possível a arte cumprir seu papel humanizador nessa forma de sociabilidade?

Destarte nosso objetivo discutir o papel da arte na sociedade capitalista e na educação enquanto fenômeno que contribui para a superação da alienação. O trabalho surge de leituras e reflexões de textos-base de uma pesquisa de mestrado em desenvolvimento.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica baseada no materialismo histórico

[1] Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino (PPGEEN) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: joana.andreia@aluno.uece.br.
[2] Professora Adjunta da UECE. Vinculada aos Programas de Pós-Graduação em Educação da UECE – PPGE – e ao Programa de Pós-Graduação Intercampi em Educação e Ensino – PPGEEN. E-mail: cris.moraes@uece.br.
[3] Programa de Pós-Graduação em Educação e Ensino (PPGEEN) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: conceicao.pinheiro@aluno.uece.br.

dialético. Para fundamentar nossa discussão, recorremos aos seguintes pesquisadores e teóricos: Marx (2004), Sacomani (2016), Salomé (2023), Santos (2020), Peixoto (2003).

A pesquisa nos possibilita compreender a realidade e entender as determinações sociais, mas também ver as contradições, tomando a realidade objetiva como histórica e, portanto, em movimento, cheia de possibilidades de mudanças.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Segundo Salomé (2023), a arte na sociedade capitalista é vista como estudo e busca da beleza como configuração estética e, ainda, como simples objeto de prazer estético. Beleza que segue duas visões fundamentais: a primeira como algo que existe em si mesma e a outra como um prazer de fruição e criação, sem nenhuma pretensão clara, direta, com seu objetivo. Para a autora, essa definição de arte simplesmente pela beleza reduz o seu conceito.

Na contramão dessa concepção temos a perspectiva do materialismo histórico-dialético. Conforme Peixoto (2003), a obra de arte é vista como uma forma de representação de uma visão de mundo, que envolve presente, passado e futuro. Nesse sentido, a arte pode expressar projeções do futuro, o novo com base nas percepções e interpretações permitidas pelo movimento histórico da humanidade. Dessa forma, no pensamento marxista, há três interpretações da arte: primeiramente a arte como ideologia, depois a arte como forma de conhecimento e a arte como criação.

Como ideologia, a obra de arte traz posições ideológicas do seu artista, quanto a ser vista como conhecimento aproximado da realidade, o que exige conhecer e interpretar o mundo, não necessariamente como a realidade é, mas como ela é vista e interpretada pelo artista. Nesse caso, ao se apropriar da realidade e ao transformá-la em uma nova realidade estaria a outra definição de arte como criação. Dentro dessa perspectiva, a arte é vista como fruto do trabalho humano, da sua manifestação criadora.

Conforme Santos (2020), o sistema educacional subjugado ao sistema capitalista é dicotômico. O ser social submetido a alienação do trabalho abstrato do modo de produção capitalista apenas pode ser formado de modo unilateral, onde a razão é separada da sensibilidade. A fruição, ao se subordinar ao fato da posse de dinheiro, torna a experiência estética diferente conforme a classe social – gerando dicotomia do contexto de um trabalhador e de um burguês. O capitalista por sua condição de se apropriar da riqueza produzida pelo trabalhador, tende a possuir maiores condições de fruição.

Para Santos (2020), sob o modo de produção capitalista, é impossível uma formação omnilateral, ou seja, o desenvolvimento de todas as faculdades e sentidos humanos. Dessa forma, o

complexo artístico não tem como recompor o indivíduo fragmentado perante o modo de produção capitalista. Isso porque, como afirma Marx (2004):

> No modo de produção capitalista, o trabalhador produz o capital; o capital produz o trabalhador. O trabalhador produz a si mesmo enquanto mercadoria, é o produto do movimento total. O homem nada mais é do que trabalhador e, como trabalhador, suas propriedades humanas o são apenas na medida em que o são para o capital, que lhe é estranho (Marx, 2004; p. 91).

Dessa forma, numa sociedade que está a serviço do capital, quanto mais o homem estranhado do seu ser genérico, mais se distancia da sua humanidade e se torna alienado, coisificado. Daí a grande barreira encontrada pela arte para desempenhar seu papel de humanizadora.

A sociedade capitalista não deixa de ser criativa, no entanto, essa criatividade está relacionada a reprodução da lógica do capital, as pessoas desenvolvem sua criatividade para atender as necessidades do capital e não para atender a máxima criatividade que seria um projeto de sociedade que superasse o capitalismo. O modo de produção capitalista não produz apenas objetivações materiais (carros, computadores, etc.), mas produz também psiquismos. "O desenvolvimento do psiquismo na sociedade capitalista alienante objetiva-se um (pseudo)desenvolvimento" (Sacomani, 2016, p.191).

Segundo Sacomani (2016), a criatividade é fetichizada na sociedade contemporânea ao ser caracterizada como um meio de adaptação ao cotidiano alienado. Para Sacomani (2016, p.194), "a escola na sociedade contemporânea tornou-se refém do cotidiano e está cada vez mais distante da riqueza acumulada pela humanidade". É necessário a apropriação da cultura para que se tenha criatividade. Para que se possa transformar a realidade é preciso conhecê-la. Nesse sentido, é fundamental uma educação pública de qualidade, que garanta o acesso a todos, principalmente, a classe trabalhadora, para que possa desenvolver plenamente sua criatividade.

De acordo com Sacomani (2016), na sociedade capitalista, as criações humanas não estão disponibilizadas para todas as pessoas da mesma maneira, assim como existe a privação material existe também a privação espiritual; portanto, para que se vislumbre um novo modelo de sociedade, é necessário indivíduos capazes de imaginar e projetar esse novo. Por isso é preciso um psiquismo bem desenvolvido. Nesse sentido, a educação escolar tem papel importante através do professor na socialização do conhecimento sistematizado e, assim, estará contribuindo na direção do socialismo.

Conforme Salomé (2023), para que alcancemos a transformação é preciso a socialização do saber, a democratização do acesso à linguagem da arte a todos, dentro e fora da escola, pois com a apropriação desse conhecimento, o homem poderá atuar na sociedade como sujeito histórico, desenvolvendo sua percepção de mundo, criando uma consciência crítica da situação social e assim

promover mudanças nas formas de pensar e ver as relações sociais. Para isso, acredita-se ser imprescindível que a educação seja acessível a todos, e que a transformação das consciências ocorra também através da arte.

Diante de tudo que foi exposto, levantamos uma reflexão: mas se é impossível uma formação omnilateral na sociedade capitalista também é verdade que não podemos ter essa formação só em outra forma de sociabilidade, é necessário começarmos agora a construção desse outro modelo de sociedade. A busca é pela formação omnilateral, a universalização do conhecimento e a concretização do trabalho educativo. Somente assim será possível uma transformação social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos que na sociedade capitalista onde o ser social é submetido a alienação pela venda da sua força de trabalho, a arte à serviço desse sistema é também fetichizada e, portanto, tem seu papel reduzido a um ideal de beleza e influenciada pela lógica do mercado e do consumo. O que reflete no sistema educacional onde a formação desse ser só pode ocorrer de modo unilateral e dicotômico separando razão e sensibilidade, tornando-se impossível uma formação omnilateral nessa forma de sociabilidade.

Entretanto, é necessário lutar por uma formação histórico-crítica através da arte, numa perspectiva onde a arte seja vista como manifestação criadora do trabalho humano. Onde a arte seja abordada como ideologia, além de uma forma de conhecimento e principalmente como criação. Onde a escola possa trabalhar a realidade apropriando-se desta, para que possa transformá-la e cumprir assim o papel da arte como criação.

Nesse sentido, torna-se fundamental uma educação que seja acessível a todos. Para isso é imprescindível a democratização do saber e uma educação transformadora das consciências através da arte, que forme o ser humano na sua inteireza, portanto, uma formação omnilateral. A arte na escola deve possibilitar a expressão e a compreensão da realidade humana e social, evidenciando os condicionantes sociais postos pelo capitalismo.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl. **Manuscritos econômico- filosóficos**. São Paulo, Boitempo, 2004.

PEIXOTO, M.I.H. **Arte e grande público**: a distância a ser extinta. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SACOMANI, Maria Claudia da Silva. **A criatividade na arte e na educação escolar**: contribuição à pedagogia histórico-crítica à luz de Georg Lukács e Levi Vigotski. – Campinas, SP: Autores Associados, 2016. (Educação Contemporânea).

SALOMÉ, Josélia Schwanka. O ensino da Arte na perspectiva histórico-crítica de Educação: a humanização dos sentidos. – Curitiba: Universidade Tuiuiú do Paraná, 2023. E-book.

SANTOS, Deribaldo. **Arte-estética e formação humana**- Maceió: Coletivo Veredas, 2020.